

RESENHA: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

*Joel Cezar Bonin*¹

Recebido em: 04 dez. 2016

Aceito em: 05 dez. 2016

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

A resenha que aqui se apresenta tem como finalidade apontar alguns aspectos fundamentais do livro supracitado de modo a destacar alguns elementos de compreensão que o autor quer apresentar sobre a recente análise feita por alguns pensadores acerca da educação e da filosofia da educação. Diante disso, torna-se importante destacar que Paulo Ghiraldelli Jr. é professor de Filosofia da UNESP e professor visitante na Auckland University (Nova Zelândia).² Possui vários livros publicados na área de filosofia da educação contemporânea, tendo se especializado nos últimos anos em filosofia americana, mais especificamente nas teorias filosófico-educacionais de Dewey e Rorty.

O livro em questão faz parte da coleção “O que você deve saber sobre...” da Editora DP&A, do Rio de Janeiro e trata dos seguintes temas: As três revoluções modernas da teoria educacional: Herbart, Dewey e Freire (capítulo I); Os criadores da desconfiança pós-moderna em filosofia da educação (capítulo II); A “teoria educacional” pós- virada em favor das narrativas (narrative turn) (capítulo III); conclusão e anexos, bem como sugestões de leitura. O livro possui 108 páginas.

As temáticas abordadas pelo professor Ghiraldelli Jr. são muito claras e comportam uma estilística de escrita muito didática, de modo que o leitor, ao se debruçar sobre o texto, compreenderá com nitidez aquilo que se propõe. Desse modo, explanar-se-á com mais atenção os

1 Doutorando pelo PPGF-PUC-PR. Bolsista UNIEDU. E-mail: joelbonin@yahoo.com.br.

2 Na época da publicação do livro, ou seja, no ano 2000.

capítulos I e III, que se apresentam como mais importantes dentro do contexto da obra.

No capítulo I, Ghiraldelli Jr. aponta as distinções entre o pensamento de Herbart, Dewey e Freire do seguinte modo: para Herbart, o conhecimento precisa ser repassado de modo sequencial, tendo como foco o desenvolvimento racional do saber, de maneira tal que aquilo que foi ensinado no dia anterior precisa ser retomado, rememorado e prosseguido no dia seguinte. O educador/professor precisa reforçar o conhecimento por meio de exercícios repetidos. Por esse método, a criança vai fixando o conhecimento por meio da repetição, fixação e memorização do saber. Por outro lado, para Dewey, o conhecimento precisa partir dos interesses e motivações dos educandos. Por esse viés, nota-se que a criança e o professor são copartícipes do processo ensino-aprendizagem. O professor, diferentemente daquilo que Herbart propõe, constrói o conhecimento em parceria com a criança. Uma frase muito bem destacada por Ghiraldelli Jr. é a de que o sistema deweyano de aprendizagem será a base para a epistemologia piagetiana: “[...] é de origem deweyana aquela noção que depois ganhou o mundo com o epistemólogo Jean Piaget e outros: mais importante do que aprender é ‘aprender a aprender’” (p. 17).

Por outro lado, Freire, leitor de Dewey, tenta, por meio da lógica dos interesses e das motivações dos educandos (agora além de crianças, Freire se preocupará com a educação de jovens e adultos), desenvolver uma educação calcada na vida dos educandos, fundamentalmente daqueles que foram desenraizados de sua própria localidade em virtude do trabalho ou das condições adversas vivenciadas. Desse modo, o pressuposto freireano é compreender quais são os impactos que estas situações adversas causaram na própria vida destes estudantes e como a partir daí essas pessoas constituíram sua própria visão de mundo. O princípio norteador aqui é o “da vivência com as palavras e problemas comuns da comunidade de onde saíram os educandos” (p. 23).

Nesse sentido, um dos elementos fundamentais da apresentação de Ghiraldelli Jr. acerca dessas teorias é o de demonstrar que as teorias educacionais não estão demarcadas pela busca inflacionária da verdade, mas, ao contrário, fundamentalmente em Dewey e Freire, a verdade - como algo absoluto e eterno como pensara Platão - precisa ser posta

de lado. A educação deve ser um processo de busca por “significados”, por “sentidos” e por interpretações. No decorrer do texto, o autor busca apresentar pensadores que corroboram essa ideia, tais como Adorno e Horkheimer, Quine, Nietzsche, Foucault, dentre outros.

No capítulo III, vê-se destacadamente o quanto Ghiraldelli Jr. será enfático na defesa de uma filosofia da educação que esquadrinhe muito mais a ideia de *significado* do que de *verdade* em seus pressupostos. Sua principal ideia é a exposição do pensamento de Richard Rorty como “discípulo” das ideias de Dewey no sentido deflacionário de uma educação de verdades. Ghiraldelli Jr. apresenta um dos conceitos mais peculiares da proposta filosófico-educacional de Rorty: a metáfora. Porém, antes ainda, é preciso destacar um ponto nodal da ideia de filosofia da educação contemporânea exposta na obra do autor: a passagem da modernidade para a pós-modernidade, que se delinea na compreensão de que as metanarrativas foram sepultadas em nosso tempo, o que implica dizer que não há mais a ideia de que aquilo que as pessoas fazem ou que aquilo que as pessoas desenvolvem em suas vidas cotidianas possui um substrato extemporâneo e metafísico, isto é, Ghiraldelli afirma que não existem mais as grandes expectativas ou esperanças e que aquilo que as pessoas fazem perdeu, em grande parte, o seu caráter utópico. O que temos não é mais a “metafísica dos costumes” de Kant, mas a filosofia da linguagem e o pragmatismo da comunicação como pensam os autores pós-modernos como Lyotard e Rorty.

Desse modo, Ghiraldelli Jr. apresenta o conceito rortiano de metáfora. Segundo o autor, essa ideia resgata o valor da narrativa em detrimento do valor da verdade absoluta. A metáfora sempre pode comportar a loucura de uma mudança, bem como a ideia do movimento de mudança. Frases que, por um bom tempo, não possuíam sentido ou significado passam a comportar ideias e ideais que podem engendrar novos modos de vida e de atitudes para os educadores e educandos. Nesse sentido, citamos o próprio Ghiraldelli Jr. que diz: “E quando o movimento negro começou a falar em ‘black is beautiful’ será que seus militantes tinham uma ideia representacional do que é *black is beautiful*? Duvido! [...] Mas esse algo novo já não permitiu uma discussão importante? [...] E isso não é uma ampliação de direitos democráticos *jamais pensada antes*? Uma frase como esta permite que um grupo

oprimido comece a ter, como diz Rorty, ‘autoridade semântica’ sobre si mesmo e possa com isso construir uma *outra identidade moral* para si mesmo e para a sociedade. Não estaríamos aí, justamente como queriam Dewey e Freire, conquistando mais igualdade em favor da manutenção das diferenças democráticas? E não estaríamos, *finalmente*, entendendo a história como um campo aberto de possibilidades?” (p. 77).

Diante disso, conclui-se essa resenha apontando que a ideia exposta pelo professor Paulo Ghiraldelli Jr. é assaz instigante no que concerne ao debate filosófico-educacional na contemporaneidade, pois os métodos tradicionais (Herbart) não se mostram suficientes ou eficazes para responder às demandas das salas de aula no ensino fundamental e médio. Contudo, o aceitável diálogo entre as ideias de Dewey, Freire e Rorty e sua *possível* aplicabilidade na prática docente podem favorecer aquilo que se compreende por democracia e educação, não mais centrada na defesa de um poder onipresente do professor, mas na capacidade de diluir esse poder na medida em que os educandos se empoderam de um saber que não abandona a metáfora e a utopia, mas que é continuamente ressignificado para uma educação emancipadora, multacentralizada no exercício constante de “aprender a aprender”.